

Ao cabo de uma longa carreira procriadora, o rei dos deuses perde-se de amores pela mulher de Anfitrião, a bela e virtuosa Alcmena. E de tais artimanhas se serve, que consegue passar uma noite com ela. O menos que faz é usurpar os traços fisionómicos e a personalidade do general tebano, depois de o afastar de casa, numa gloriosa missão guerreira. Coniventes, Apolo e Mercúrio prolongam excepcionalmente a noite para que o amante possa saciar o seu caprichoso desejo. Quando finalmente amanhece, Anfitrião, vencedor dos Tebanos, regressa a casa e dá a Alcmena um segundo filho, gémeo do outro gerado pelo celeste sedutor. Alguns meses depois, Hera, para se vingar de mais esta infidelidade de Zeus, introduz no quarto dos meninos duas cobras. O pequeno Íficles põe-se a berrar, amedrontado; Hércules, pelo contrário, enfrenta os bichos, agarra um em cada mão, e dá cabo deles, patenteando assim a sua origem divina. Ignora-se a quem se deva atribuir a ideia de completar a acção pelo disfarce de Mercúrio em Sósia, criado de Anfitrião. Digamos só que, em Plauto, ela já estava completamente delineada.

(...)

(...) quando a Alcmena francesa de Molière, vestida de sedas e de plumas, irrompe perante a corte do Rei-Sol (...), os sentimentos são pautados pelos limites de um código de sociedade extremamente meticuloso e delicado, onde a espontaneidade não é moeda corrente. E quando ela surge, numa cena em que Júpiter quer fazer valer humanamente os direitos do instinto, e ser amado pela sua própria esposa, como amante mais do que como esposo, encontra da parte da sua amada uma total e reprovativa incompreensão. E é da não-observância das leis deste código que nasce uma situação anormal, e cómica, portanto. A comédia passa-se toda num plano matrimonial, não num plano divino, e Molière introduziu nela alguns dos conceitos mais conhecidos da sua filosofia do casamento...

Sósia, (...) é um homem casado, sujeito portanto ao complexo que atormentou toda a vida Molière, que teve sempre ao vivo no pensamento a possibilidade de ser atraído. Ao ver a sorte do amo, o criado põe as barbas de molho. A maneira como conduz o interrogatório para saber da mulher se as suspeitas que o afligem são justificadas, é verdadeiramente magistral. Quase sempre as observações sobre os dois casais se completam. Quando Cléanthis se queixa da frieza do que julga ser o seu marido, o pseudo-Sósia responde-lhe:

*Quinze ans de mariage épuisent les paroles
Et depuis un long temps nous nous sommes tout dit!*

Precisamente por isso, Júpiter visita a jovem Alcmena sob a forma de Anfitrião quase no período da lua de mel, quando ser Anfitrião junto dela é ainda o disfarce de mais seguro êxito.

*Car ce n'est pas partout un bon moyen de plaire
Que la figure d'un mari!*

Finalmente, deixando um papel simpático ao libertino pai dos deuses, o autor francês paga o seu tributo à conhecida complacência gaulesa pelo «ménage à trois».

Sob o ponto de vista ideológico, portanto, Molière não fez mais do que adaptar à óptica da sociedade do seu tempo um assunto que tanto podia ser este como outro qualquer.

(...)

Felizmente, nos primeiros anos do séc. XIX, um grande poeta assume a responsabilidade de o tirar do atoleiro e de lhe dar novamente um potencial poético e uma problemática.

A nova versão de Kleist segue fielmente o texto de Molière. Em duas cenas capitais do 2º acto, porém, o poeta (...), desata a seguir a inspiração, e inverte totalmente a significação profunda da acção e do diálogo.

(...)

O Anfitrião e a Alcmena germânicos não são já o casal que escancara perante os olhos indiscretos da sociedade uma situação melindrosa. Ele, que ama a mulher, é um herói ferido não na sua honra, mas intimamente, e para sempre, na sua confiança na vida. Alcmena, essa, simboliza a perplexidade interior dum ser em plena confusão dos sentidos e do entendimento, mas que a sua intuição feminina aproxima, mais do que o homem, da natureza profunda metafísica, e do mundo irreal dos Deuses. O falso Anfitrião deixou-lhe como penhor daquela noite ímpar um diadema onde refulge um J enigmático... Embora sem compreender, intui. E nela cresce um sentimento de culpa, que cada gesto de Anfitrião verdadeiro torna mais doloroso. Mesmo no auge da dúvida íntima, em presença dos dois apaixonados, é para o esposo legítimo que se dirige primeiro, instintivamente. De toda a evidência, Kleist moldou naquela tocante figura feminina a sua concepção irracional da vida. Melhor do que qualquer dos seus predecessores, soube elevar-se à atmosfera rarefeita do divino, adivinhar a solidão do deus que se mistura aos mortais, e conseguiu assim transformar a comédia novamente em mistério.